



PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Friday 5 November 2010 (afternoon)
Vendredi 5 novembre 2010 (après-midi)
Viernes 5 de noviembre de 2010 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

*Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:*

1.

clarinha sentia-se bem consigo mesma mas, para ser todavia feliz, pensou em nunca se entregar a um homem. encostada à parede da sua casa, como estava quando o sol se pôs, decidiu conservar para sempre aquela calma, um sossego em cada coisa, cada coisa sob sua decisão e só a si obedecendo. dizia, no entanto, que era mulher de muita manutenção¹, era expressão de dizer
5 que muito lhe faltava e lhe dava avidez de o conseguir. sim, a cada dia lutava por quanto lhe aprouvesse, numa satisfação bastante, porque se bastava com muito e sentia até orgulho nisso. e mais dizia, não me abêce² comer sono, sou mais dada a estar acordada e sustentar-me das boas ideias da terra. os morangos eram das melhores ideias que a terra podia ter, e clarinha deitava-lhes açúcar e engordava à força de tanto os comer. e voltava a dizer, a mim só me abêce isto, quilos de
10 morangos a embelezarem-me os interiores. depois, fechava a boca gulosa, sorria, e ficava bojudá de sol, tanta luz irradiava da sua satisfação.

por afastar os homens era, a cada passo, tratada como louca. achavam as pessoas que ser mulher de nenhum homem era como não ter tecto, não ter dinheiro, não ter comida, não ter cérebro, não ter vida, era mesmo como não ter vida nenhuma de todo. clarinha passava por toda
15 a gente com ar de quem não queria saber, o nariz empinado de desprezo, para não ter necessidade de explicação. seguia caminho e fazia as suas tarefas como surda. muitas vezes quem lhe falava sobre o assunto não o fazia por mal. fazia-o por não se aperceber de que a solidão poderia aconchegar as almas mais perfeitas. pois, pensava clarinha, isso mesmo, que teria a alma muito perfeita, assim capaz de ser atendida pelo mais tangível do corpo. uma alma ao alcance do corpo,
20 pensava, só pode ser privilégio de quem está muito escolhido pela natureza.

atirava-se para trás na relva densamente verde. no fim de tarde apaziguador o calor tornava o verão benigno, todo o seu corpo recebia o tempo, todo o seu corpo sentia o tempo, mais nada lhe faltaria sob aquela cor parda espalhada por todo o lado. olhava os campos, os cultivados e os de velho, pensava quando seria vez de voltar a plantar em cada lugar.
25 muito perto da casa estava de velho um quarteirão havia muito. estava para setembro trabalhá-lo. e ela sabia que esforço se impunha para que, em boa medida, conseguisse deixar a plantação pronta ainda antes das chuvas. sorria de pensar que correria seria essa, uma certa pena de tão duro ofício, uma alegria madura de querer essa ligeira angústia do cultivo mais cansativo, um cultivo de homens, de muitos homens, feito por ela sozinha, dominadora e livre.

o facto de ser gorda podia dificultar-lhe cada mister, até para mercar os ovos na feira se cansava de os carregar. mas era cansaço físico que a fazia crer que acima de tudo a cabeça manda na vida. casmurra, seguia os seus ofícios por louca insistência ou resistência, maltratando-se e descuidando-se como se o corpo não fosse digno de piedade. mercava à pressa mas eficazmente. entrando na feira já apregoava ao que ia e arrebanhava os fregueses com alguma bruta precisão.
35 dona lina, venha buscar ovos, não tarda nada vou embora, a correr, vamos, mulher. e as mulheres iam saindo dos seus caminhos para se cruzarem com o dela, como obedientes, rendidas, na verdade, pela qualidade das galinhas da clarinha, pelo cuidado que tinha na escolha e no transporte dos ovos.

- 40 foi naquele efeito que alguém lhe disse, pela primeira vez, talvez reparando no custo que lhe dava carregar com as coisas e a lentidão suada dos seus movimentos, que ela deveria encontrar um ajudante, um moço novo desses que há por aí, a precisar ganhar umas coroas, com bom corpo e educação firme para não a deixar ficar mal. e ela barafustou, não estou para sustentar ninguém, nem de coroas, nem de tempo, quero mais é que me deixem em paz.

valter hugo mãe, *os campos de velho* (adapt.), *O Prazer da Leitura*, Portugal (2009)

¹ manança: alimento

² abéce: apetece

2.

A semente do poema

Cada semente-poema
a plantar-se no cimento
é moeda arremetida
ao poço do esquecimento.

5 (Quando concentra em seu germe
a vocação do abismo,
conjugas as fimbrias* da inércia
aos verbos do imobilismo).

10 Mas quando é fértil semente
expande o próprio universo
e revela o infinito
entre os espelhos do verso.

15 (E quase em passe de mágica
surge a imagem mais súbita
que nos revela, em seu íntimo,
o grau maior da metáfora).

É o poema um ser vivo
de corpo ágil e esquivo.

20 (Sobre a folha, como um selo,
é impossível prendê-lo).

A ele, cabe o milagre
de transcender o seu posto.
(Só assim não se restringe
ao tempo de ser composto).

Jaime Vaz Brasil, *Punhais do Minuano*, Brasil (1998)

* fimbria: ponta, extremidade